

Teorização Portuguesa do Jornalismo até 25 de Abril de 1974 – Ficha de obra

Autor MACEDO, José Agostinho de		Ano de elaboração (caso não coincida com ano de publicação) 1825	Ano de publicação/impressão 1826
Título completo da obra <i>Resposta aos Colaboradores do Infame Papel Intitulado Correio Interceptado N° 6 impresso em Londres</i>			
Tema principal Liberdade de Imprensa			
Local de edição Lisboa	Editora (ou tipografia, caso não exista editora) Tipografia de Bolhões		Número de páginas 16
Cota na Biblioteca Nacional e eventualmente noutras bibliotecas públicas			
Biblioteca: Biblioteca Nacional		Cotas: HG 9643//15P	
Biblioteca: Biblioteca Pública Municipal do Porto		Cotas: P8-40 – (4)	
Esboço biográfico sobre o autor ou autores (nascimento, morte, profissão, etc.) Natural do Alentejo, José Agostinho de Macedo nasceu em Beja (11/09/1761) e faleceu em Lisboa (02/10/1831). Professou em 1778 nas Ordens dos Eremitas de Santo António, sendo, quatro anos mais tarde, expulso da Ordem. Foi várias vezes acusado e condenado pela Justiça por desmandos e roubos. Após ter alcançado a dispensa dos votos monásticos, tornou-se pregador, tendo os seus sermões grande notoriedade na época. Tornou-se membro da Nova Arcádia, entrando em quezílias com Bocage. Pertenceu, também, à Arcádia de Roma, onde adoptou o pseudónimo de Elmiro Tangideu. Era inimigo da Revolução Francesa e odiava Voltaire e Napoleão. Toda a sua luta esteve centrada na denúncia dos jacobinos, ou “pedreiros-livres”. Quase todas as suas obras reflectem essa luta. Ficaram célebres as polémicas que teve com Almeida Garrett e com Bocage.			
Índice da obra [Não tem índice.] Introdução ao tema da obra: pp. 1-4 Análise e comentário sobre o Correio Interceptado n° 6: pp. 4-10 Considerações pessoais do autor sobre Inglaterra e os intitulos “ País da Pátria”: pp. 10-15 Incentivo à vinda de um n° 7 do Correio Interceptado, para que haja resposta posterior do autor: pp. 16			
Resumo da obra (linhas mestras) O autor, José Agostinho de Macedo, diz que a imprensa livre de Inglaterra é um “recurso dos malvados”, ou seja, dos exilados políticos. Segundo ele, esses exilados “vão a Inglaterra continuar com palavras, e escritos aqueles males, que começaram a causar com suas acções, e com suas obras. Há muitos anos que gememos debaixo da solta tempestade			

de Jornais, de Periódicos, de Folhas, que se encaminham a perverter a Moral, a confundir a Política, e desorganizar a sociedade, a indispor os Povos contra os Reis, a fazer odiosos os soberanos às suas mesmas Nações: são fecundos aqueles malvados na invenção dos títulos de suas composições vulcânicas capazes de illudirem os incautos, e de engrossarem o partido, que jurou guerra eterna, e exterminadora, às associações humanas, aos Tronos, aos Altares, às Leis, e à pública tranquilidade dos homens. Tal é a vingança bárbara, mas cobarde, que elles tomam da injúria, que julgam fazer-lhe a Nação em os conhecer, em os desprezar, e em os repelir de seu mesmo seio como víboras que o dilaceram”.

Para o autor, no entanto, as autoridades deveriam permitir a entrada dos jornais dos exilados em Portugal, “fazendo-se acompanhar de um antídoto este veneno, dar-se antes da publicação um exemplar de cada um deles a alguns de tantos homens honrados, e illustrados, que entre nós existem, encarregando-se de terminantes respostas; assim se rectificava a opinião pública, e se desvaneciam tantas illusões, confundindo-se a audácia, e impotência de tantos revolucionários acolhidos ao valha couto da liberdade Anglicana”.

O autor é particularmente crítico para com o periódico *Correio Interceptado* que alcunha de “pequeno”. Para ele, quem o publica é “criminoso”, mas aqueles que lhe mandavam cartas de Lisboa também o seriam. A seguir, o autor diz que “estes impressos” teriam por fim descobrir verdades impossíveis de encontrar nas ciências ou nas artes úteis. O autor prossegue dizendo: “a sua forja é uma Seita, que prossegue com pertinácia na execução do plano de acabar com a Religião, e com os Tronos”.

Referindo-se a acontecimentos como a Revolução Liberal e a morte de D. João VI, o autor interroga-se: “E depois de tantas desgraças, que vem aqui fazer tantos papéis impressos em Londres? Continuar as mesmas desgraças, porque quem causou estas, escreve aqueles.”

O autor descreve e critica as cartas enviadas de Portugal e publicadas no *Correio Interceptado* nº6, das quais, nenhuma é sobre jornalismo.

Para Macedo, se a imprensa ataca, também por ela deve surgir a defesa.

Para concluir, o autor diz o seguinte: “Concedam-se em Portugal os meios, e a liberdade de responder, não ficará tão impune em Inglaterra a liberdade de imprimir”. Por último, pede a vinda de um nº7 para que ele possa, mais uma vez, responder.

Autor : Ana Irma Osório Amorim Coelho

E-mail: anairmacoelho@hotmail.com